

# A Democracia Rural de André Rebouças: um projeto para a hegemonia do café brasileiro no mercado atlântico (1874-1883)

*José Wilson Martins Júnior*

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)  
Ilhéus – Bahia - Brasil  
jwmartins.agr@uesc.br

*Marcelo Henrique Dias*

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)  
Ilhéus – Bahia - Brasil  
marcelohd2222@gmail.com

---

**Resumo:** O objetivo do presente artigo é analisar a maneira como o engenheiro abolicionista afro-brasileiro André Rebouças (1838-1898) compreendia a concorrência no mercado atlântico-americano do café na segunda metade do século XIX. Analisamos sua estratégia de se utilizar do argumento da concorrência do café mexicano no mercado consumidor norte-americano para propor transformações profundas na organização da produção cafeeira e na sociedade brasileiras, como a abolição da escravidão e a reforma agrária, bases da construção de uma “Democracia Rural”, conforme presente em sua obra *Agricultura Nacional, Estudos Econômicos, Propaganda Abolicionista e Democrática* (1874-1883).

**Palavras-chave:** André Rebouças. Democracia Rural. Abolição. Reforma Agrária. Café atlântico.

---

## Introdução

O livro *Agricultura Nacional, Estudos Econômicos, Propaganda Abolicionista e Democrática*, publicado por André Rebouças em 1883, e doravante mencionado apenas como *Agricultura Nacional*, é um dos livros mais conhecidos do engenheiro abolicionista afro-brasileiro (Trindade, 2004, p. 119).

A obra, que fora estudada por vários dos pesquisadores e biógrafos de Rebouças, (Trindade 2004; Jucá, 2001; Carvalho, 1998), reúne artigos publicados originalmente no *Jornal do Commercio*, principalmente entre os anos de 1874 e 1875, acrescidos de artigos publicados posteriormente em outros veículos, como por exemplo, a *Revista de Engenharia*. Apesar do avanço analítico proporcionado pelos citados estudos sobre a obra, alguns aspectos do livro em questão ainda suscitam novas investigações.

Acreditamos que como é em *Agricultura Nacional* que o engenheiro abolicionista apresenta de forma mais bem configurada sua arrojada proposta de edificação de uma “Democracia Rural Brasileira”, a qual incorporava projetos ousados de abolição, de reforma agrária e de instrução pública, a maioria dos cientistas sociais e historiadores que se debruçou sobre aquela obra privilegiou analisá-la a partir de tais propostas, relegando a segundo plano outras importantes contribuições, seja no campo da agronomia, ou do comércio e da concorrência atlântica no mercado do café, por exemplo.

Dessa forma, o presente artigo pretende inquirir justamente sobre como Rebouças articulou à necessidade de reformas sociais amplas um entendimento específico sobre a dinâmica da questão concorrencial nos mercados de café, principalmente a partir da concorrência mexicana no mercado norte-americano durante o último quarto do século XIX.

### O café brasileiro e o mercado atlântico

No início dos anos 70 do século XIX, quando o café já havia se tornado a principal cultura de exportação brasileira, Rebouças encontrava-se em um processo de transição de um empreendedor/empresário a um militante cada vez mais ativo e engajado nas causas do abolicionismo e da reforma agrária (Carvalho, 1998; Trindade, 2004). Tal engajamento parece ter se intensificado principalmente após o retorno de suas viagens de estudos em 1872/73, quando o engenheiro cruzou o Atlântico pela segunda vez rumo à Europa e, depois, também aos EUA.<sup>1</sup>

A república norte-americana, na qual fora vítima de racismo naqueles anos de reconstrução pós-guerra civil, parece ter-lhe impressionado muito, tanto pelo grande desenvolvimento econômico e tecnológico, como também pela legislação agrária, que Rebouças considerava favorecedora da pequena propriedade. Foi nos EUA, da mesma forma, que Rebouças se encontrou com José Carlos Rodrigues, editor da *Revista Novo Mundo*, da qual, a partir de então, se tornaria colaborador.

Em meados de 1873, retornando ao Brasil, o engenheiro se depararia, por seu turno, com um ambiente no qual também fervilhavam discussões a respeito do futuro da agricultura, tendo em vista a realização do “Inquérito sobre a situação da Lavoura” pós “Lei do Ventre Livre”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Sobre o período de Rebouças nos EUA, vide Brito (Brito, 2019).

<sup>2</sup> Lei 2040/1871. Durante o processo legislativo, o projeto de lei que deu origem à chamada “Lei do Ventre Livre” sofreu grande resistência dos cafeicultores.

Membro de diversas organizações de cunho científico, como a SAIN<sup>3</sup>, e disposto a contribuir com tais discussões, o engenheiro passaria a redigir, a partir de 1874, artigos sobre “agricultura nacional”, que seriam publicados, principalmente, no *Jornal do Commercio*. Tais artigos foram posteriormente reunidos na forma de livro sob o título de *Agricultura Nacional, Estudos Econômicos, Propaganda Abolicionista e Democrática* (1874-1883).

Embora Rebouças discorra em *Agricultura Nacional* também sobre outras culturas, há, realmente, uma primazia na análise da cultura do café. Isto se revela nítido não só pela estrutura da obra, em que o café antecede às demais culturas, mas também pela quantidade de capítulos que são destinados à análise de cada cultura agrônômica. O estudo do tabaco, por exemplo, é realizado em três capítulos (XLI a XLIII); o do algodão, em nove capítulos (XXXII a XL); o estudo do açúcar ocupa os capítulos XXII a XXXI (dez capítulos); já à cultura do café são destinados nada menos do que 20 (vinte capítulos), quais sejam os primeiros, a partir do II, até o XXI. Ademais, o estudo do café se dirige para cada uma das províncias existentes, detalhamento que Rebouças não repete para nenhuma outra cultura agrícola.

Para ressaltar a importância da produção cafeeira frente às demais culturas de exportação, Rebouças recorre à apresentação de alguns dados

No exercício financeiro de 1872 a 1873, o valor oficial do café, exportado pelo Brasil, alcançou 115,285:466\$, quando o valor oficial do açúcar só chegou, a 27,725:672\$ e o do algodão a 26, 824:378\$000.

A exportação do café excede a dos outros productos agrícolas brasileiros, não só em valor como também em peso.

Effectivamente, no exercício financeiro de 1872 a 1873, a exportação alcançou 209,772,653 kilogrammas para o café e somente 183,984,224 kilogrammas para o açúcar, e 44,618,060 kilogrammas para o algodão. (Rebouças, 1883, p. 17).

Rebouças analisava ser possível e desejável a produção cafeeira em quase todo o país. A província do Amazonas era a única que poderia prescindir do cultivo de café. Para todas as outras, contudo, afirmava que:

Seguros que o consumo universal do café nunca deixará sem demanda os productos obtidos por um maior desenvolvimento da cultura do café no Brasil, podemos conscienciosamente prosseguir na propaganda para a extensão deste lucrativo ramo de lavoura por todas as províncias do Império. (Rebouças, 1883, p. 44).

---

<sup>3</sup> Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Sociedade científica criada em 1827 e que editava, desde 1833, o periódico *O Auxiliador da Indústria Nacional*.

Já, em relação aos principais mercados de cada uma de nossas principais culturas de exportação, assim como nossos maiores concorrentes, Rebouças destacava a força do Egito que, aproveitando-se da crise de produção no sul dos EUA durante a Guerra de Secessão, já superara em muito a produção algodoeira brasileira, e também apresentava forte crescimento da produção açucareira.

Rebouças chegava a apontar o Egito até mesmo como um futuro produtor de café, tendo em vista a possibilidade de produção em terras da Núbia, próximo à região onde teria surgido a domesticação da rubiácea. No entanto, calculava que o Egito, pela distância que o separava do Atlântico, ainda que conseguisse ter sucesso na produção e comércio do café, nunca poderia competir pelo principal mercado consumidor brasileiro, os EUA. Sobre o mercado norte americano, sintetizava: “É a nação mais próspera do mundo a que mais compra o café brasileiro. Não é possível ter melhor freguez” (Rebouças, 1883, p. 43).

Portanto, ao contrário dos mercados do açúcar e do algodão, para os quais o engenheiro enxergava concorrentes no Mediterrâneo, na Ásia e em outras partes do mundo, e até mesmo em outras culturas agrícolas - como no caso da produção de açúcar a partir da beterraba na Europa -, a concorrência no caso do café era eminentemente atlântica, tendo em vista principalmente nosso principal mercado consumidor de então. Rebouças, nos artigos escritos ainda na década de 70, apontava a Venezuela como principal concorrente no mercado norte-americano, mas não acreditava que este país pudesse trazer grande ameaça à primazia brasileira.

Na sua análise do mercado atlântico, Rebouças apontava quais eram os portos dos Estados Unidos que mais recebiam o café brasileiro, destacando, pela ordem, em termos de maiores quantidades de café importadas do Brasil, os portos de Nova York, Baltimore e Nova Orleans, dentre nove portos elencados, todos atlânticos (Rebouças, 1883, p. 19).

Marinho (2023), no entanto, informa que, até o início da Guerra Civil norte-americana (1861-65)

O principal porto importador de café àquela altura era o de Nova Orleans, que entre 1851-1860 respondeu por exatamente 1/3 de todo o café importado do Rio de Janeiro pelos Estados Unidos. O porto de Nova York, por sua vez, importou da capital do Império pouco mais de ¼ do café no mesmo período. Com o bloqueio dos portos do Sul, Nova York passou a ser o principal porto importador de café do país, responsável por 64% de todo o café trazido do Rio de Janeiro no período 1861-65 – Nova Orleans pôde importar somente 1,15% do café da Corte durante a guerra [...] (Marinho, 2023, pp. 119-120).

De acordo com esse autor, a posição de principal porto importador de café nos EUA, adquirida pelo porto de Nova Iorque durante a guerra civil, mantivera-se daí em diante.

O artigo de Rebouças que trata dos principais mercados consumidores e de eventuais concorrentes na cultura do café fora publicado, originalmente, no *Jornal do Commercio* em 20/09/1874 e corresponde ao capítulo II do livro *Agricultura Nacional* (pp. 17-23). No ano anterior, contudo, enquanto Rebouças ainda excursionava pelo território norte americano, chegava ao México, na condição de representante diplomático dos EUA naquele país, o senhor John Watson Foster.

Alguns anos mais tarde, Rebouças tomaria conhecimento de um relatório produzido pelo embaixador Foster em que se advogava o México como país “destinado” a ser o fornecedor “natural” de café para os EUA. Assim, antes da publicação do livro, em 1883, o engenheiro atualiza o capítulo em questão, com uma nota na qual afirma que:

A partir da Exposição Universal de Philadelphia, em 1876, o café do México principiou a ser considerado como um dos principaes concurrentes do café brasileiro. A contiguidade do território mexicano, o tratado de commercio em projecto com os Estados Unidos, a extensão das vias férreas, ligando as duas repúblicas, etc, dão ao México vantagens excepcionaes (Rebouças, 1883, p. 18).

Adiante, no capítulo III de *Agricultura Nacional*, que reproduz um artigo de 1881 publicado originalmente na *Revista de Engenharia*, Rebouças se dedicará exclusivamente à concorrência mexicana, alertando sobre outros fatores para além dos logísticos que davam vantagens àquele país no mercado norte-americano

Simultaneamente com os caminhos de ferro penetram, no território mexicano, o capital, a industria e a actividade yankee; são elles que vão tornar poderosissima a concorrência do café do México (Rebouças, 1883, p. 26).

Apontava também Rebouças que uma das principais vantagens mexicanas em relação ao café brasileiro seria justamente quanto à questão da mão de obra: “desde muito foi lá resolvido o problema da abolição; a cultura do café, como todas as outras, é feita por braços livres” (Rebouças, 1883, p. 26).

As razões que teriam levado o engenheiro abolicionista a aventar uma forte ameaça concorrencial mexicana ao café brasileiro podem ser mais bem compreendidas a partir de uma análise comparativa das ideias de Rebouças com as de outros importantes agentes do comércio atlântico de café, durante o último terço do século XIX.

## Rebouças, Foster, Romero

Como vimos, as preocupações de Rebouças com a concorrência do café mexicano ocorreram principalmente após o engenheiro tomar conhecimento de um relatório de autoria do embaixador John Foster sobre as capacidades mexicanas de produção do café. Segundo Rebouças

Este relatório deve ser considerado como o iniciador da propaganda yankee para cultura do café no México. As poucas palavras citadas afirmam:

1. ° — Possuir a República Mexicana terrenos suficientes para produzir todo o café necessário aos Estados Unidos;
2. ° — Ser o café mexicano de qualidade igual ao melhor de qualquer outra procedência (Rebouças, 1883, p. 27.).

De acordo com Torres,

John Watson Foster foi um ativo político republicano que participou da sangrenta Guerra Civil norte-americana (1861-1865), alcançando, no curso desta, o grau de coronel. Seguidor fiel do presidente Abraham Lincoln e amigo do general Ulysses S. Grant, foi nomeado por este último Ministro Plenipotenciário e Enviado Extraordinário ao México (Torres, 2015, p.1. tradução nossa).<sup>4</sup>

Em 1874, ainda antes do relatório Foster e no mesmo ano em que o engenheiro Rebouças publicaria seus primeiros artigos de *Agricultura Nacional*, Matías Romero Avendãno, empresário, cafeicultor e Ministro das Finanças mexicano, publicou também uma série de artigos sobre o cultivo do café para promover o desenvolvimento desta atividade agrícola no seu país (Becerra e Mondragón, 2022, p. 5).

Romero, além de agente político e diplomático, fora um empresário nascido no estado de Oaxaca, mesmo estado em que nasceram também dois dos importantes presidentes mexicanos da segunda metade do século XIX: Benito Juárez e Porfírio Díaz. Por volta de meados dos anos 70, Romero já havia sido secretário de Finanças do México durante o governo Juárez, entre 1868 e 1872, e depois o seria ainda por duas ocasiões, também no governo de Porfírio Díaz, sendo que a primeira (1877 a 1879) coincidiria com o período em que Foster estivera como embaixador norte-americano no México (1873-1880). Romero já havia sido também, ele próprio, embaixador mexicano nos EUA, entre 1863 e 1868, e voltaria a sê-lo nos anos 90.

---

<sup>4</sup> John Watson Foster fue un activo político republicano que participó en la cruenta Guerra Civil de los Estados Unidos (1861-1865), logrando en el transcurso de ella el grado de coronel. Fiel seguidor del presidente Abraham Lincoln y amigo del general Ulysses S. Grant, fue nombrado por este último, Ministro Plenipotenciario y Enviado Extraordinario en México (Torres, 2015, p. 1).

Romero narra na introdução de sua obra *Coffee and India-Rubber culture in Mexico* que depois de ter trabalhado de 1868 a 1871 como Secretário do Tesouro mexicano, sob a administração do presidente Juarez, encontrava-se com a saúde um pouco debilitada e teria decidido viver no campo e ocupar seu tempo em atividades agrícolas, tendo escolhido o distrito de Soconusco, em Chiapas, na fronteira com a Guatemala, para desenvolver o plantio de café e de *Ficus elastica* (árvore da borracha ou falsa seringueira) (Romero, 1898, p. III).

Passara então a estudar diversas obras sobre a cultura do café. Curiosamente, em seu texto *El cultivo del café en la república mexicana*, de 1879, Romero, inclusive, reclama da inexistência de informações disponíveis relativas ao cultivo do café no Brasil. Na falta de dados sobre a produção brasileira, ou “não podendo obtê-los”<sup>5</sup>, o empresário mexicano teria recorrido a publicações sobre a produção de café nas colônias inglesas da Ásia. Mesmo em uma obra mais tardia, como *Coffee and India rubber culture in Mexico*, de 1898, Romero ainda protestava por não encontrar informações disponíveis sobre o plantio de café em outras regiões que não nas colônias britânicas (Romero, 1898, v).

Em 1875, Romero publicaria *Cultivo del Café en la costa meridional de Chiapas*. Nesta obra, deixava claro que acreditava que:

O México, dada sua proximidade com os Estados Unidos, está destinado a ser o principal provedor deste país, consumidor da maior quantidade de café em proporção a seu número de habitantes. O transporte fluirá quando estivermos ligados por ferrovias com os estados localizados no centro dos EUA, que importarão o café do México por terra e não via Nova York ou São Francisco. Este mercado pode absorver todas as colheitas do país por muitos anos vindouros (Romero, 1976, p. 75, tradução nossa).<sup>6</sup>

Embora em *Agricultura Nacional*, ou em outros escritos de Rebouças, não tenhamos encontrado menções diretas à obra de Romero, os registros que tanto o abolicionista brasileiro quanto o empresário mexicano fizeram sobre o café, para além da sincronicidade dos períodos em que foram publicados os primeiros textos, apresentam também alguma similaridade quanto à estrutura das obras, e mesmo em algumas das ideias defendidas para que se desenvolvesse a produção cafeeira em seus respectivos países.

---

<sup>5</sup> “No habiendo podido obtenerlos” (Romero, 2009, p.43).

<sup>6</sup> “México, dada su proximidad a los Estados Unidos, está destinado a ser el principal proveedor de este país, consumidor de la mayor cantidad de café en proporción a su número de habitantes. El transporte será fluido, cuando estemos comunicados por Ferrocarril con los estados centrales, que importarán café de México por tierra y no vía Nueva York o San Francisco. Este mercado puede absorber todas las cosechas del país de muchos años por venir” (Romero, 1976, p.75).

No que se refere à estrutura dos textos, por exemplo, conforme já apresentamos sobre *Agricultura Nacional*, por exemplo, o café é analisado em cada uma das províncias brasileiras. Já na obra de Romero, *El cultivo del café en la república mexicana*, o autor também parte de uma análise das potencialidades produtivas cafeeiras por estados. Embora não sejam analisadas todas as unidades federativas estaduais mexicanas, os estudos de Romero adentram subdivisões regionais, chegando até ao nível de distritos, quando não ao de municipalidades. Outros aspectos em que as ideias de Romero e de Rebouças (nos anos 70) se assemelhavam era a defesa de uma colonização do tipo “*farmer*”, incentivadora da pequena propriedade, além da necessidade de incorporação dos avanços científicos à cadeia produtiva do café, seja com novas técnicas de plantio e de manejo, seja nas infraestruturas de beneficiamento, de transporte e de comercialização. Quanto aos métodos de cultivo, por exemplo, defenderam técnicas hoje em dia consideradas mais sustentáveis, como o plantio do café sombreado, ou seja, consorciado a outras árvores de estratos mais altos (Romero, 1893, p. 61), as quais proporcionariam conforto térmico aos cafeeiros, e garantiriam maior diversidade sistêmica, portanto, também maior resiliência ambiental e econômica aos plantios.

Assim, embora não tenhamos encontrado registros sobre um contato direto de Rebouças com a obra de Romero, acreditamos que algumas das ideias do cafeeiro mexicano possivelmente podem ter se tornado conhecidas de Rebouças, principalmente via John Foster, dados principalmente o trabalho conjunto e a proximidade e amizade entre o embaixador norte americano e Matías Romero.

Conforme afirma Centeno, Matías Romero, na sua “cruzada” pela difusão da cultura cafeeira em território mexicano, teve no embaixador John Foster um grande aliado. Em um discurso na Câmara de Comércio de Nova Orleans, o embaixador norteamericano anunciou aos empresários ali reunidos o progresso das exportações mexicanas e as vantagens das suas terras para o futuro desenvolvimento daquela lavoura (Centeno, 1996, p. 745).

Foster e Matías Romero viriam, portanto, a desempenhar, juntos, papel de destaque nas relações diplomáticas e comerciais entre os EUA e o México, as quais incluíam o desenvolvimento da cultura do café e sua comercialização. Já Rebouças, a partir do momento em que passou a ter conhecimento sobre o “Relatório Foster”, acreditava “ser fatal e infallível a derrota deste Império em concorrência com a República do México, se continuar avassallado a *landlords* e a barões feudais, que exploram não a terra, mas sim a míseros escravos” (Rebouças, 1883, p. 30).

Ademais, Rebouças temia que os norte-americanos promovessem em breve, no território mexicano, as reformas que considerava necessárias à agricultura brasileira, principalmente a reforma agrária. Em *Agricultura Nacional*, informava que “a propriedade territorial no México tem um símile notável com a deste Império”, com a vantagem de que “desde muito foi lá resolvido o problema da abolição” (Rebouças, 1883, p.26-29).

O genio colonizador yankee acabará com o monopólio territorial no Mexico; os empresarios-agricolas e as companhias das estradas de ferro comprarão as grandes fazendas e as distribuirão em lotes marginaes às vias férreas e às vias fluviaes. Em breve, achar-se-há aí estabelecida uma Democracia rural, inteligente e próspera (Rebouças, 1883, p. 30).

Dessa maneira, a necessidade de reformas na agricultura nacional, segundo Rebouças, dava-se também em função da concorrência atlântica, já que, conforme o engenheiro:

A victoria, nesse grandioso certamen agricolo-industrial, pertencerá certamente à nacionalidade, que mais rapidamente fizer a evolução progressiva para a Democracia Rural (Rebouças, 1883, p. 30).

Vê-se, pois, que uma das justificativas tanto para a reforma agrária quanto para a “Democracia Rural” propostas por Rebouças era justamente a iminência de que tais proposições se efetivassem em outros países, o que tornaria nosso café, na opinião do engenheiro, relativamente menos competitivo.

No contexto pós-Guerra Civil norte-americana (1861-65) e do pós Segunda Intervenção Francesa no México (1861-67), havia, segundo Rebouças, no início dos anos 80, a possibilidade de que os norte-americanos fossem “aos milhares, comprar terras na república vizinha”, para a produção de café em pequenas propriedades (Rebouças, 1883, p. 29).

Num primeiro momento, houve de fato uma tentativa de colonização por cidadãos norte-americanos na região de Chiapas, muito devido ao trabalho de fomento realizado por Matías Romero.

Segundo Centeno,

O objetivo de Dom Matías era estimular as inversões estadunidenses nos cafezais e fortalecer o comércio com aquele país. Por esta razão, pensou em Soconusco como uma zona idônea para a fundação das plantações estadunidenses, pois dita região, além de contar com extraordinárias

condições para o cultivo, era uma ‘fronteira agrícola’ pronta para ser colonizada. (Centeno, 1996, p.744, tradução nossa).<sup>7</sup>

Conforme mencionamos, Romero, tal qual Rebouças nos anos 70, era um entusiasta da via norte americana de desenvolvimento, a qual considerava privilegiar a perseverança e a engenhosidade dos pequenos empresários. Nessa linha de raciocínio, acreditava que, no México, as grandes empresas agrícolas se formariam a partir de pequenos investimentos, num processo semelhante ao dos pioneiros norte-americanos, de modo a instituir um projeto cafeicultor de inspiração ‘*farmer*’ (Bartra, Cobo, Paz, 2013, p. 86-87).

Centeno, por sua vez, lembra que fora, inclusive, com o intuito de incentivar esse tipo de colonização “*farmer*” que Romero publicara um tratado em inglês sobre o cultivo do café, em que oferecia informação ao público estadunidense sobre as possibilidades ilimitadas daquela lavoura em Chiapas (Centeno, 1996, p. 745).

Conforme almejado por “Dom Matías”, de fato, uma primeira onda de pioneiros norte-americanos chegara à região do Soconusco, no estado de Chiapas, região que o próprio Romero escolhera para suas empreitadas cafeicultoras. No entanto, segundo Bartra, Cobo e Paz (2013), a cafeicultura mexicana logo entraria numa segunda etapa do “projeto agrícola liberal”, em que os *farmers* norte americanos se viram cada vez mais deslocados por grandes empresas de capital transnacional, principalmente alemãs, que já atuavam na vizinha Guatemala.

Segundo Akaki, a rápida internacionalização da economia cafeicultora mexicana não se resumira à região do Soconusco, em Chiapas, alcançando também outros estados (Akaki, 2013, p. 175). Tal processo acabou contribuindo para provocar ainda maior concentração de terras, situação que, por sua vez, só se reverteria a partir da Revolução Mexicana de 1910-40.

Assim, curiosamente, a divisão de terras que Rebouças pressupunha que pudesse ser realizada pela ação de colonos norte-americanos, só viria a acontecer de fato após longa e tortuosa luta revolucionária contra a alienação das antigas terras comunais ao capital internacional, processo acentuado na história mexicana ao final do século XIX.

E apesar de a produção mexicana de café ter, de fato, aumentado significativamente ao longo do último terço do século XIX, conforme demonstrado por

---

<sup>7</sup> “El objetivo de don Matías era estimular la inversión estadounidense en los cafetales y fortalecer el comercio con aquel país. Por esa razón, penso en Soconusco como la zona idónea para la fundación de plantaciones estadounidenses, pues dicha región, además de contar con extraordinárias condiciones para el cultivo, era una ‘frontera agraria’ lista para ser colonizada. (Centeno, 1996, p. 744).

Ocampo (1983), a ascensão mexicana no mercado internacional de café não chegara a ameaçar seriamente a liderança brasileira.

Ainda que a produção cafeeira brasileira tenha passado por um momento de estagnação no período imediato pós 1850 e de crescimento mais lento durante a década de 80, houve um grande aumento após a abolição, em 1888, sendo mais que duplicada nos quinze anos seguintes. Registre-se que tal cenário confirmaria, inclusive, o que defendiam Rebouças e outros abolicionistas sobre o aumento da produtividade numa cafeicultura não escravista.

Outro registro que também deve ser feito é o de que os acordos de livre comércio então em negociação entre México e EUA (acordos para os quais muito se esforçaram tanto Romero quanto Foster, por exemplo) não chegaram a ser aprovados pelo Congresso norte-americano. Caso tivessem sido aprovados, de fato, presume-se que poderiam ter incrementado ainda mais o comércio de café entre as nações vizinhas na América do Norte.

Segundo Immanuel Wallerstein, na perspectiva de um sistema mundo capitalista, em que o “objetivo de um produtor é acumular capital”, há de se levar em conta que “(...) a quantidade que ele pode produzir com lucro e a margem de lucro que pode obter também são limitados pela habilidade de seus ‘competidores’ em oferecer o mesmo bem a preços menores”. (Wallerstein, 2007, p. 18).

Ora, Rebouças parecia invocar justamente tal modelo de argumento para defender mudanças na produção cafeeira e na sociedade brasileiras. Discorrendo sobre a cafeicultura em *Agricultura Nacional*, propunha maneiras de modernizá-la, arrazoando, inclusive, sobre os riscos de se manter uma agricultura escravocrata e latifundiária, que não teria condições de competir com uma eventual agricultura do tipo “*farmer*” a ser desenvolvida em terras mexicanas.

Assim, Rebouças parecia contra argumentar também a máxima criada por Gaspar da Silveira para defender a continuidade da escravidão em terras brasileiras: a de que “o Brasil é o café, e o café é o negro”, já que, num cenário concorrencial desse novo “sistema mundo capitalista”, conforme a expressão de Wallerstein, e na linha de raciocínio defendida pelo engenheiro abolicionista, o café se mostrava envolto em uma dinâmica de produção e de concorrências atlânticas, sendo a abolição e a reforma agrária necessidades urgentes para que a primazia brasileira no mercado norte americano de café não fosse ameaçada num futuro próximo.

Como afirma Trindade (2004), propostas como as de abolição e de reforma agrária parecem ter sido constantes na trajetória intelectual de Rebouças. Desde os anos 60, após o seu retorno da Guerra do Paraguai, o engenheiro já se manifestava por uma distribuição de terras a pequenos proprietários nas áreas de fronteira, como a melhor maneira de efetivar a segurança nacional nestas regiões, por exemplo.<sup>8</sup> O que viria a mudar ao longo do tempo seriam as configurações como tais reformas seriam defendidas.

Assim, durante os anos 60 e 70, quando prevalecia a “preocupação de Rebouças quanto à modernização material da sociedade brasileira” (Trindade, 2004, p. 41), o engenheiro e empresário procuraria “dinamizar a sociedade imperial apostando predominantemente em arranjos societais, e ao largo da iniciativa estatal” (Trindade, 2004, p. 42). Esse teria sido o Rebouças “modernizador”, conforme Trindade. Já durante os anos 80, “o ‘segundo’ Rebouças, ‘reformista’, atuará na expectativa de que apenas a partir do Estado é que se poderia transformar estruturalmente a sociedade” (Trindade, 2004, p. 42).<sup>9</sup>

Dessa maneira, o “Rebouças reformista” passaria a advogar o imposto territorial e uma intervenção mais ativa da Coroa na efetivação das medidas abolicionistas e de política agrária. Segundo Trindade, “A ruptura se dá pelo contexto, ou seja, pela agudização da crise política, que atribui sentidos distintos ao mesmo vocabulário político” (Trindade, 2004, p. 42). De fato, ao longo dos anos 70 e 80, agudizaram-se as lutas em torno da questão emancipacionista e abolicionista, e, no entanto, proprietários cafeicultores permaneciam apegados à interpretação de um liberalismo escravocrata, bem diferente da leitura liberal abolicionista e baseada na pequena propriedade defendida por Rebouças.

Entre uma fase e outra, no entanto, ou seja, em meio a essa transição entre o Rebouças “modernizador” e o “reformista”, o engenheiro se deparara com mais uma motivação para defender suas propostas: a ameaça da concorrência mexicana no mercado norte americano de café, então principal comprador do café brasileiro, via seus portos atlânticos.

---

<sup>8</sup> Segundo Trindade, “A disseminação da pequena propriedade, tal qual se apresentava a ideia durante sua vida militar na Guerra do Paraguai, visava indiretamente reforçar as barreiras do território, substituindo assim a dimensão militar e estratégica pela dimensão do interesse dos pequenos proprietários. A unidade estaria assegurada sem o recurso às armas” (Trindade, 2004, p. 70).

<sup>9</sup> Segundo Trindade, “[...] a diferença entre sua fase ‘modernizadora’ e ‘reformista’ é sobretudo uma questão de ênfases e nuances, permanecendo, contudo, alguns motivos básicos a acompanhar toda sua trajetória” (Trindade, 2004, p. 60).

Interessante observar, ademais, que o argumento concorrencial aplicado à produção e ao comércio do café, apesar de mudar o foco de iniciativas modernizadoras individuais como a da instalação das Fazendas Centrais (defendidas por Rebouças durante os primeiros artigos de “Agricultura Nacional”), ainda não significava, contudo, um comprometimento ou uma adesão completa de Rebouças a uma agenda de transformações operadas a partir da iniciativa monárquica, percurso intelectual que o engenheiro trilharia ao longo da década de 80. O argumento, portanto, viria a lume, ao que tudo indica, justamente quando Rebouças situava-se ainda por concluir tal transição intelectual.

### Considerações finais

A constatação de que os argumentos e as estratégias utilizadas pelo engenheiro abolicionista variaram ao longo de sua trajetória na defesa de determinadas reformas sociais parece confirmar que Rebouças fora um pensador para além de rótulos, apesar de, enquanto sujeito histórico, ter se situado também dentro de determinadas condicionalidades e de possibilidades que se apresentavam a seu tempo.

Assim, formado num ambiente de difusão e de expansão dos valores da modernidade ocidental, Rebouças procurava argumentar a partir das premissas de um racionalismo e de um liberalismo ocidentais. Dessa forma, ganhavam importância noções como livre comércio e competitividade, por exemplo, as quais, em tese, interessavam diretamente aos produtores e comerciantes envolvidos com a cadeia produtiva brasileira de café.

Enquanto o engenheiro abolicionista escrevia os artigos que depois seriam reunidos em *Agricultura Nacional*, mesmo suas lutas políticas e sua intensa circulação e conhecimento atlânticos, de fato, ainda não lhe espelhavam o “Ulysses africano”, auge de sua “dupla consciência” e autopercepção, conforme lhe ocorreria mais tarde, durante o autoexílio, período muito bem analisado por Mattos (2013;2022), precursora dos estudos sobre Rebouças enquanto sujeito do *Atlântico Negro*, na definição de Gilroy (2001).

Mas na obra de Gilroy, um dos exemplos de atuação no contexto do Atlântico negro é o de Martin Delany, o qual, segundo o sociólogo britânico, a partir de uma estratégia calcada em uma “política de realização”, tentava exigir “que a sociedade civil burguesa cumprisse suas promessas” (GILROY, 2001, pp. 95-96).

No caso da reorganização da produção cafeeira e da reforma da sociedade brasileira, vislumbradas por Rebouças em torno de propostas que direcionassem o Brasil a uma “democracia rural”, parecia haver também o anseio de que o liberalismo do século XIX cumprisse “as promessas de sua própria retórica”, compreendidas enquanto igualdade de condições e de liberdade, as quais, na visão do engenheiro, seriam fornecidas pela garantia de uma pequena propriedade rural e de instrução pública a um maior número de pessoas.

Assim, o liberalismo de Rebouças diferenciava-se marcadamente em relação a outras vertentes do pensamento liberal, principalmente por sua dura crítica ao “pior dos monopólios”, o monopólio da terra. Muito mais do que um dogma no plano econômico, tal entendimento parecia fundamentado na compreensão de que uma sociedade de indivíduos realmente livres só se realizaria a partir do momento em que tais pessoas não estivessem subjugadas a outras por força de uma relação de trabalho assimétrica, fosse esta relação a escravidão ou o próprio trabalho assalariado. “Quem possui a terra possui o homem” é uma de suas famosas frases, incorporada ao título de trabalhos como os de Jucá (2001), e de Lima (2019).

Portanto, o que garantiria ao indivíduo a própria “liberdade” seria a propriedade de uma pequena parcela de terra; somente assim, tais indivíduos poderiam se colocar minimamente em condições de igualdade perante uns aos outros, o que lhes tornaria possível, inclusive, a própria união, com a formação de associações para a defesa de interesses comuns. O monopólio da terra, por outro lado, impedia o desenvolvimento da livre iniciativa e, portanto, do associativismo.

Às propostas de abolição e de reforma agrária, vislumbradas e defendidas por Rebouças durante toda sua obra, procuramos incorporar, no caso do presente trabalho, uma compreensão específica de como o engenheiro abolicionista as articulava, durante o período de escrita de *Agricultura Nacional* (1874-1883), também a uma análise que integrava a cafeeicultura nacional à economia e aos circuitos cafeeiros atlânticos, principalmente tendo em vista uma possível ameaça representada pela, então ainda incipiente (mas crescente), concorrência mexicana.

---

**ANDRÉ REBOUÇAS' RURAL DEMOCRACY: A POLITICAL PROJECT FOR THE PRIMACY OF BRAZILIAN COFFEE IN THE NORTH AMERICAN ATLANTIC MARKET**

**Abstract:** The aim of this work is to analyze the way André Rebouças (1838-1898), an afro Brazilian abolitionist and engineer thought about production and trade of Brazilian coffee during the 1870's and the 1880's. At that time, other Atlantic American countries, especially Mexico, were increasing their competition for North American market. Therefore, Rebouças tried to build an argument based on Atlantic American competition on coffee's markets to back his proposals for abolition and for land reform in Brazil, in order to reach what he used to call a "rural democracy", according to his book *Agricultura Nacional, Estudos Econômicos. Propaganda abolicionista e democrática* (1874-1883).

**Keywords:** André Rebouças. Rural Democracy. Abolition. Land Reform. Atlantic coffee.

---

---

**LA DEMOCRACIA RURAL DE ANDRÉ REBOUÇAS: UN PROYECTO DE REFORMAS PARA LA HEGEMONÍA DEL CAFÉ BRASILEÑO EN EL COMERCIO ATLÁNTICO NORTE AMERICANO.**

**Resumen:** El objetivo de este artículo es analizar la manera en que el ingeniero abolicionista afrobrasileño André Rebouças (1838-1898) entendió la competencia en el mercado cafetalero atlántico americano en la segunda mitad del siglo XIX. Analizamos su estrategia de utilizar el argumento de la competencia del café mexicano en el mercado consumidor norteamericano para proponer transformaciones profundas en la organización de la producción cafetera y en la sociedad brasileña, como la abolición de la esclavitud y la reforma agraria, bases para la construcción de una Democracia Rural, tal como está presente en su obra *Agricultura Nacional, Estudios Económicos, Propaganda Abolicionista y Democrática* (1874-1883).

**Palabras clave:** André Rebouças. Democracia Rural. Abolición de la esclavitud. Reforma agraria. Café atlántico.

---

**Referências**

AKAKI, Pablo P. **Los siglos XIX y XX en la cafecultura nacional:** de La bonanza a La crisis del grano de oro mexicano. Revista De Historia, no. 67 (January), ISSN: 1012-9790 Enero - Junio 2013 pp.159-99. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/historia/article/view/5262>.

BARTRA, A.; COBO, R; PAZ Paredes, L. **La hora del café:** Dos siglos a muchas voces. México: Comisión Nacional para el Conocimiento y Uso de la Biodiversidad (CONABIO), primera reimpressão, 2013.

BECERRA, Israel M; MONDRAGÓN, Emmanuel A. **Matías Romero Avendaño y La producción de café en Oaxaca, México, a finales Del siglo XIX.** Diálogos Revista Electrónica de Historia, 23(1): 1-18. Enero-junio, 2022. ISSN: 1409-469X · San José, Costa Rica.

BRITO, Luciana da Cruz. **"Mr. Perpetual Motion" enfrenta o Jim Crow:** André Rebouças e sua passagem pelos Estados Unidos no pós-abolição. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 32, nº 66, p. 241-266, janeiro-abril 2019.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **O quinto século: André Rebouças e a construção do Brasil**. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, 1998.

CENTENO, Mabel M. Rodriguez. **México y las relaciones comerciales con Estados Unidos em El siglo XIX**: Matias Romero y el fomento del café. HMex, XLV; 4, 1996, pp. 737-757.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira – São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

JUCÁ, Joselice. **André Rebouças: reforma & utopia no contexto do segundo império: quem possui a terra possui o Homem**. Rio de Janeiro: Odebrecht, 2001.

LIMA, Ângela. B. **“Quem possui a terra, possui o homem”**: abolicionismo e democracia rural nas ideias agrárias de André Rebouças. Revista PerCursos, Florianópolis, v.20, n.43, p. 295-314, maio/ago. 2019.

MARINHO, Marcos B. M. **O Mercado mundial de café e suas transformações na segunda metade do século XIX (c. 1851-c.1895)**. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 16, n. 2, jul.-dez. 2023, pp. 116-139.

MATTOS, Hebbe. André Rebouças: **Cartas da África**: registro de correspondências, 1891-1893; organização Hebe Mattos – 1ed - São Paulo: Chão Editora, 2022.

MATTOS, Hebbe. **André Rebouças e o Pós-Abolição**: entre a África e o Brasil (1888-1898). XXVII Simpósio Nacional de História, Natal/RN, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364674765\\_ARQUIVO\\_HebeMattos\\_anpuh.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364674765_ARQUIVO_HebeMattos_anpuh.pdf) Acesso em: 09/06/2023, às 09:00.

MÉXICO. Câmara de Diputados. LXIII legislatura; CEDRRSA. **Reporte El café en México** Diagnóstico y perspectiva. Palacio Legislativo de San Lázaro, Marzo de 2018. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/478671678/30El-cafe-en-Mexico-diagnostico-y-perspectiva> Acesso em 23/07/2023, às 09:12.

OCAMPO, José Antônio. **O mercado mundial do café e o surgimento da Colômbia como um país cafeicultor**. Revista Brasileira de Economia. Rio de Janeiro, v. 37, nº 4, 1983.

REBOUÇAS, André. **Agricultura Nacional. Estudos Econômicos. Propaganda Abolicionista e Democrática**. Set.1874 a set. 1883. Rio de Janeiro. A. J. Lamoureaux & Co. 1883.

ROMERO, Matías. **Coffee and India-Rubber culture in Mexico**. The Knickerbocker Press, New York: 1898.

ROMERO, Matías. **El Cultivo del Café en la República Mexicana**. Revista de Geografía Agrícola, núm. 43, Universidad Autónoma Chapingo, Texcoco, México, julio-diciembre, 2009, pp. 110-171

ROMERO, Matías, e TOMÉ, José Losada **Cultivo del café en la costa meridional de Chiapas** Artes de México, no. 192 (1976): 75–92. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24324429>. Acesso em 20/08/2022 às 21:10.

TORRES, Oscar F. John **Watson Foster y su labor diplomática en México** (1873-1880). Sociedad, Estado y territorio. Vol. 4 n° 1(7) Enero-Junio 2015 pp. 7-23

TRINDADE, Alexandro Dantas. **André Rebouças: da Engenharia Civil à Engenharia Social**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2004.

VERÍSSIMO, Ignácio J. e VERÍSSIMO, Ana F. (org.). **Diário e notas autobiográficas de André Rebouças**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1938.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista**. São Paulo, Contraponto, 2007

---

#### SOBRE OS AUTORES

**José Wilson Martins Júnior** é mestrando em História: Atlântico e Diáspora Africana pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

**Marcelo Henrique Dias** é doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF); docente da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

---

Recebido em 06/01/2025

Aceito em 06/05/2025